

Fernet-Branca

AMARO ESTOMACAL MONTECRISTO

ROBBA & C.ia L.tda

L'APERITIVO DI GRAN MODA

BIARR "CAMPINENSE"

La regina delle birre; sarà posta in vendita nel prossimo giorno 24 di settembre.

Nuovo tipo di birra fabbricata nella birreria "Columbia" con malto di Bohemia.

Assaggiata e apprezzata da S. E. il Generale Enrico Caviglia nella sua visita fatta alla nostra fabbrica "Columbia".

Esperimentate e fate le vostre richieste presso la Fabbrica "Columbia".

A FRANCESCHINI & Cia.
Rua Andrade Neves, 80-82.
Telefono 192 — CAMPINAS

Letteria e Confeittaria "Elite"

RUA JOSE' PAULINO, 154
Teleph. Cid. 4291

Grande sortimento de conservas e bebidas finas, nacionaes e estrangeiras. - Especialidades de Arengas hollandezas, em salmone, Azeitonas Gregas, Manteiga fresca, Presuntos, Frjos, Vinho de meza, etc.

Aberto até alta hora da noite

SILVEIRA & KUHL

MERCATO CENTRALE, 26 e 27
Commissions, Consegnações e conto proprio. Accetta frutta, polli, ce-reali e prodotti agricoli — All'ingrosso e al minuto.

Marmoraria Carrara

Nicodemo Roselli & C.

IMPORTATORI

San Paolo Santos

**ESPOSIZIONE PERMANENTE
DI LAVORI ARTISTICI**

Deposito de marmo grezzo

S. Paulo

Santos

Rua 7 de Abril, 23-27

R. S. Francisco, 156

Telef. Cidade n. 5009

Telef. n. 339

IL PASQUINO: COLONIALE (SP), 1922



A HISTÓRIA DAS MARMORARIAS ITALIANAS NO ESTADO DE SÃO PAULO IMPRESSA EM ANÚNCIOS DE JORNAIS (1890-1930)

MARIA ELIZIA BORGES*

RESUMO Este artigo foi elaborado com base em anúncios de antigas marmorarias italianas instaladas no interior do estado de São Paulo. A leitura visual dessas peças de publicidade evidencia o modelo de sociedade constituído dentro de uma marmoraria, o tipo de serviço prestado por ela e a abrangência territorial do produto artístico que lhe era encomendado. São imagens intencionais que explicam o tempo que lhe deu origem. O estudo propicia observar a transformação desse tipo de ofício, uma trajetória que acompanha a expansão da economia cafeeira baseada na simbiose café x imigração x Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Trata-se, portanto, da análise de um período áureo da instalação de cemitérios secularizados no Brasil (1890-1930).

PALAVRAS-CHAVE Marmorarias. Migração. Publicidade.

THE HISTORY OF ITALIAN MARBLE SHOPS IN THE STATE OF SÃO PAULO PRINTED IN NEWSPA- PER ADVERTISEMENTS (1890-1930)

ABSTRACT This is the result of the survey of ads on old Italian marble shops established in small towns of the State of São Paulo. The visual interpretation and reading of these pieces of publicity show how society was founded on the marble factory, their type of service provision, and the territorial scope of the artistic product requested. They are intentional images that explain their own time. This study shows the transformation of this trade, a trajectory that follows the expansion of the coffee economy based on the symbiosis of coffee and immigration x Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, or the Railway Company of Mogi das Cruzes. It is, therefore, the analysis of the golden age of the installation of secularized cemeteries in Brazil (1890-1930).

KEYWORDS Marble shops. Migration. Publicity.

* Historiadora de Arte/Arte funerária no Brasil; ministra aulas nos Programas de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH- UFG/CNPq). E-mail: maelizia@terra.com.br

Multiplicidade de origens e destinos das marmorarias

Ao ler publicações como o *Almanach do Amparo* (apud GODOY, 1902-), o livro *Il Brasile e gli Italiani* (ROTELLINI, 1906), o *Annuário do Amparo* (apud FERNANDES; MIELE, 1914), o *Almanach Illustrado de Ribeirão Preto* (apud COMERCIAL SA MANAIA, 1913) e o álbum *O estado de São Paulo e seus municípios* (apud CAPRI, 1922), observa-se que as suas seções de Artes e Ofícios são destinadas a anunciar os ofícios de alfaiates, serralheiros, funileiros, marceneiros, ourives e marmoristas em suas respectivas marmorarias. Assim, a sociedade da época tinha acesso a informações sobre a disponibilidade de oferta de cada tipo de ofício e a multiplicidade do mercado das profissões no estado de São Paulo.

Como exemplo da trajetória de uma firma industrial, comercial e de importação do fim do século XIX e início do século XX, selecionou-se a Grande Marmoraria Amparense, instalada na cidade de Amparo (SP), que veiculava anúncios nesses meios de comunicação (FIG. 1, 2 e 3). Pelo nome dos marmoristas, vê-se que se tratava de uma empresa comercial de propriedade de imigrantes italianos, e seus anúncios especificam a origem da matéria-prima que utilizavam – mármore de Carrara –, realçando, assim, o valor “supremo” do material empregado na feitura de túmulos, altares, capelas, escadas e “todos os trabalhos concernentes a esse ramo” (FIG. 1).

Figura 1 - Fac-símile do anúncio da Grande Marmoraria Amparense. Fonte: Godoy (1902).



Os dois primeiros anúncios destacam a aceitação de encomendas “no Estado ou Fora”, o que demonstra sua disponibilidade e predisposição de enviar as peças confeccionadas em Amparo para lugares distantes, que é também uma maneira de propagar os seus serviços, apresentados como de “preços módicos e trabalho garantido”, concorrendo, dessa forma, com as demais firmas do ramo. Na publicidade, a firma faz também questão de ressaltar que é fornecedora de obras para a Matriz do Amparo.



Figura 2- Fac-símile do anúncio da Grande Marmoraria Amparense.

Fonte: Fernandes e Miele (1913).

Vê-se, então, que os anúncios são portadores do pensamento cultural de um tipo de empreendimento artístico específico. Sabe-se que a Matriz de Nossa Senhora do Amparo foi iniciada em 1839, sob a custódia de D. Anna Cintra, esposa do Barão de Campinas, mas que a bênção do padre só foi concebida em 1878. Estima-se que foi provavelmente a partir de 1891 que Luiz Fazzi passou a prestar serviços para a diocese da cidade.

Note-se que os desenhos estampados nos anúncios são referências que envolvem a produção funerária, pois eram as encomendas mais solicitadas. No primeiro deles (FIG. 1), que foi repetido nos anos de 1902 e 1903, aparece o clichê de um túmulo simples com a cruz latina na cabeceira; no segundo, uma alegoria da ressurreição, um anjo toca a trombeta com a mão esquerda, anunciando a chegada do falecido ao céu, e, na mão direita, leva um ramo de palma, símbolo da ascensão e da imortalidade (FIG. 2). São imagens fixas que remetem a outras estratificações e a outras imagens, no caso, aos símbolos do cristianismo.

Segundo o escultor Vicente Alberto Crosera (1987), a Grande Marmoraria Amparense é originária da região de Carrara e se instalou na cidade de Amparo antes de 1891. Registrada com o nome de Luiz Fazzi & Filho, atendia seus clientes no fundo da casa dos proprietários. Seus primeiros proprietários foram Luigi Fazzi (? , Itália, 1839- Amparo, SP, 1902) e o filho Aldamiro Fazzi (Massa, Carrara, 1875- Amparo,

SP, 1950). Conforme Crosera, o jornal *O Correio Amparense* divulgou, em 20 de janeiro de 1891, informação sobre a sociedade da família Fazzi com o escultor Orlando Carlo Francisco Barberi (Forte dei Marmi, Pietrasanta, 1865- Ribeirão Preto, 1943), cuja firma passou a ser denominada Luiz Fazzi & Co. Essa sociedade perdurou por pouco tempo, uma vez que Carlo Barberi se transferiu para a cidade de Ribeirão Preto em 1892 e lá fundou a Marmoraria Ítalo-Brazileira.

Com o falecimento de Luiz Fazzi, coube à sua esposa Carlota Fazzi administrar a marmoraria e a nova sede adquirida por eles – situada na rua 13 de Maio, nº 76 –, conforme consta no anúncio mostrado na Figura 2. A firma procurou se expandir abrindo uma filial em São Carlos de Pinhal, cidade próxima de Amparo, como anunciado pelo *O Correio Amparense* (30/07/1893). Ao mesmo tempo, representantes da marmoraria realizavam viagens pelo interior de Minas Gerais em busca de encomendas, e uma nova firma foi registrada no nome do filho de Luiz Fazzi, Aldamiro Fazzi, considerado na época um grande escultor de mármore (BORGES, 2007).

Pode-se deduzir que, quando o anúncio de 1913 foi colocado na imprensa, a Grande Marmoraria Amparense encontrava-se em processo de expansão, pois contava com o trabalho de alguns artistas-artesãos reconhecidos na área, tais como Afonso Novelli (scarpelino), Vicente Murano (escultor), Humberto Frediani (escultor) e Francisco Belloni (scarpelino), genro de Luiz Fazzi. Aldamiro Fazzi, por sua vez, ensinou o ofício de escultor a seu sobrinho Amleto Belloni (Amparo, 1900- Ribeirão Preto, 1989) e a seu genro Vicente Alberto Crosera (Amparo, 1897- São Paulo, 1989).

Em 1918, a firma Fazzi abriu outra filial na cidade de Ribeirão Preto, a Marmoraria Progresso, tendo como sócio Vicente Franceschini (Itália, 1865- Ribeirão Preto, 1931). Muito antes de abrir essa marmoraria, Fazzi já executava monumentos funerários nas cidades vizinhas de Batatais, Cravinhos e Bonfim Paulista. Por volta de 1920, ele encaminhou os jovens Amleto e Vicente para a marmoraria de Ribeirão Preto (BORGES, 2017). Provavelmente ele concorria com as demais marmorarias da região oeste do Estado de São Paulo, como a Marmoraria de Natale Frateschi e Irmãos Dinelli, da cidade de Franca, a Marmoraria de Salvador Suzano, de Batatais, e a marmoraria de Vicente Bernesconi e Fagnani em Bauru.

No anúncio de 1922 (FIG. 3), a marmoraria fez questão de mostrar que havia estendido seu atendimento a cidades dos estados de Minas Gerais e Goiás.

Neste terceiro anúncio, os clichês apresentam um modelo de “trabalho artístico” realizado pela firma: um jazigo-capela e um altar de igreja. São “imagens pensantes” (SAMAIN, 2012) que conduziam o espectador a fazer escolhas do tipo: será que quero um jazigo-capela neogótico para o meu ente querido?

A Marmoraria Progresso passou por sucessivas sociedades. Fazzi e Franceschini permaneceram sócios por quatro anos (1918-1921); Fazzi, Belloni e Crozera continuam parceiros por mais quatro anos (1922-1925), e, nesse ínterim, Aldamiro Fazzi transferiu sua parte da sociedade para esses parentes; Belloni e Crozera mantêm a sociedade por dois anos (1926-1927) e, por último, Belloni tornou-se dono unitário até 1978, quando a firma foi desativada, conforme Capitanini (1987).

Aproximadamente em 1922, Aldamiro Fazzi vendeu a Grande Marmoraria Amparense, da cidade de Amparo, para seu então empregado Afonso Novelli, que teve como sócio o scarpelino

Nardini. Com isso, afastou-se de todos os empreendimentos conquistados por sua família. Novelle e Nardini adquiriram a formação do ofício com o próprio Aldamiro Fazzi. Atualmente a marmoraria chama-se D. Novelli & Cia Ltda. e pertence ao filho de Novelli, Dinivaldo Novelli (BORGES, 2017).

Pelo número de filiais que a Grande Marmoraria Amparense conseguiu abrir e administrar, pode-se dizer que o exemplo aqui selecionado especifica uma trajetória de sucesso comercial na época. Assim, levanta-se uma questão pertinente a esse ofício no estado de São Paulo que será explicitado no subtítulo seguinte: por que os imigrantes marmoristas, de profissão consolidada na Itália, vieram para o Brasil, mais especificamente para cidades do interior do estado de São Paulo?

MARMORARIA PROGRESSO **FRANCESCHINI & FAZZI**

RECEBEM OS MARMORES DIRECTAMENTE DE CARRARA (ITALIA) — FORNECE-SE DESENHO

LARGO DO MERCADO
: ESQUINA DA RUA JOSÉ BONIFACIO :
CAIXA, 69.

RIBEIRÃO PRETO
ESTADO DE SÃO PAULO

.....

Accepta-se qualquer encomenda de Capellas, Altares, Escadas, Tumulos, Frontes de Predios em Marmore ou Granito no Estado ou fóra. ...

.....

Esta importante marmoraria, fundada em 1918 pelos snrs. Aldamiro Fazzi e Vicente Franceschini, em tão pouco tempo tomou-se a preferida em Ribeirão Preto, pelos seus trabalhos artisticos, em tumulos e altares, de que tem fornecido modelos impecaveis de esculptura, em diversas cidades de S. Paulo, Minas e Goyaz.

.....

Trabalho artistico da Marmoraria Progresso

Trabalho executado na Marmoraria Progresso

Figura 3 - Fac-símile do anúncio da Marmoraria Progresso. Fonte: Capri (1922).

Marmoraria italiana: um empreendimento artístico-migratório

A escassez de mão de obra especializada fez as primeiras marmorarias de São Paulo convidar seus patrícios, inclusive parentes, para trabalhar no Brasil, pois eram considerados “escultores” de grande teor artístico. Além disso, a crise política e econômica da Itália motivou a imigração italiana para a América do Norte e do Sul no fim do século XIX e começo do século XX. A Marmoraria Carrara, de Nicodemo Roselli & Comp., instalada em São Paulo no fim do século XIX, é um modelo de empreendimento que buscou parentes na terra natal para agregar ao trabalho de marmorista.

Segundo Antonio de Ruggiero (2017), essa marmoraria era considerada o maior estabelecimento de depósito de mármore de Carrara da região. Por volta de 1903, Nicodemo Roselli trouxe seus sobrinhos, os irmãos Alfonso e Antônio Roselli, que tinham interesse em se tornar sócios da referida empresa, já que toda a família atuava no ramo marmóreo em Arezzo, Itália.

Na Marmoraria Carrara, Antônio Roselli (Cortona, Província de Arezzo, Itália 1885- Ribeirão Preto, SP, 1969) conheceu Alfredo Gelli (Pisa, Itália, 1868 - Ribeirão Preto, SP, 1956), e ambos resolveram abrir a Marmoraria Italiana na cidade de Ribeirão Preto em 1914, sociedade que perdeu até 1944 (BORGES, 2017).

Os textos do anúncio da Marmoraria Italiana trazem dizeres similares aos apresentados anteriormente, entretanto especificam nas legendas das imagens os locais onde os monumentos ilustrativos foram instalados: um na cidade de Ribeirão Preto – jazigo-capela neogótica; e outro na cidade de Uberaba – um túmulo que ostenta uma cabeceira rica de ornamentos e de anjos (FIG. 4). Essas imagens demonstram uma eclosão de significados cristãos que se nutrem de um tempo ana-

Marmoraria Italiana

:: Premiada com Medalha de Ouro ::

ESCUPLTURA :: ORNATOS
:: E ARCHITECTURA

Roselli & Gelli

:: Deposito de Marmores em bruto ::

Especialidades em Tumulos de Granito
:: e Decorações de Bronze

RIBEIRÃO PRETO

RUA DUQUE DE CAXIAS N. 26
CAIXA POSTAL N. 161
TELEPHONE N. 291



Capela existente no Cemiterio de Ribeirão Preto, da Exma. Família Rocha, e executada na Marmoraria Italiana de Roselli & Gelli, em 1917. ::

Esta Marmoraria da qual fazem parte os Srs. Antonio Roselli e Alfredo Gelli, foi fundada a 21 de Março de 1914.

Dispõe de pessoal tecnico de reconhecido valor. No Cemiterio de Ribeirão Preto ha Monumentos feitos nessa officina que se destacam dos demais ali existentes e denotam a capacidade tecnica desses intelligentes industriaes e o gosto artistico que presidem os seus excellentes trabalhos. Em diversos cemiterios dos estados de Minas, Goyaz, e S. Paulo e em diversas igrejas encontram-se trabalhos feitos nessa officina que muito honram o merito desses industriaes. ::

Exposição Permanente de Trabalhos Artísticos para Cemiterios e Igrejas.



Túmulo existente no Cemiterio de Uberaba, e executado na Marmoraria Italiana de Roselli & Gelli, em 1920.

Figura 4- Fac-símile do anúncio da Marmoraria Italiana. Fonte: Capri (1922).

crônico. Mais uma vez, esse quarto anúncio também registra a abrangência geográfica dos serviços prestados aos enlutados.

Devem existir muitos casos similares desse tipo de família de imigrantes italianos que instalaram marmorarias nas grandes cidades no Brasil. Trouxeram patrícios e parentes, que logo em seguida migraram para locais considerados promissores e ali ramificaram seus empreendimentos e tornaram-se “trabalhadores incansáveis, hábeis comerciantes, empreendedores industriais”, conforme atesta o *Almanacco Illustrato della Tribuna Italiana* (1905), referindo-se aos imigrantes italianos da região de Lucca (apud RUGGIERO, 2017).

Provavelmente, Luigi Fazzi, tal como a família Roselli, também chegou inicialmente à cidade de São Paulo, mas escolheu abrir seu comércio em Amparo, fundada em 1829. O progresso da região teve início em 1850, marcado pelo plantio do café trazido do Vale do Paraíba. Inicia-se, então, o crescimento do ciclo econômico, impulsionado pela simbiose café x imigração x ferrovia. A freguesia de Amparo torna-se vila em 1863 e, comarca, em 1873. Em 1878, era considerada a maior produtora de café do Brasil Imperial.

Em 1875, a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro ligava Campinas à cidade de Jaguariúna, e esta a Amparo, direcionando-se depois para Pirassununga, Casa Branca, até chegar a Ribeirão Preto. A linha férrea da Companhia Paulista já seguiu outro trajeto, expandindo-se para as cidades de São Carlos, Araraquara e Catanduba (FAUSTO, 1975). Nesse percurso, as marmorarias instalavam-se na cidade que mais lhes conviesse.

A cidade de Amparo estava adquirindo ares urbanos quando Luiz Fazzi abriu sua marmoraria. O Cemitério Municipal de Amparo só foi inaugurado em 1901, um indício de que a cidade crescia. Mas a crise do café em 1929 causou a estagnação econômica da cidade, que só veio a se recuperar em 1940, com a atividade industrial. Quanto à região de Ribeirão Preto, a cultura do café do tipo *Bourbon* teve início em 1876 com os irmãos Pereira Barreto, que estavam deslumbrados com a fertilidade da terra roxa e quase deserta.

Essa região paulista é marcada pela presença massiva de imigrantes italianos, que para ali acorriam para trabalhar na agricultura, subsidiados pelo governo, ou como profissionais qualificados, no caso os marmoristas, que vinham para o estado por iniciativa própria e se instalavam nas cidades “promissoras”. Antônio Roselli, Aldamiro Fazzi e Carlo Barberi – este o primeiro sócio de Fazzi, conforme visto anteriormente – seguiram então a rota cafeeira x Mogiana, saindo de Amparo e de São Paulo e indo para Ribeirão Preto em busca de crescimento empresarial.

Urge lembrar que o Cemitério da Saudade de Ribeirão Preto foi fundado em 1892, enquanto a marmoraria Ítalo-Brazileira, de Carlo Barberi, foi a primeira a se instalar na cidade no mesmo ano, seguida pela Marmoraria Italiana, de Antônio Roselli e Alfredo Gelli (1914), e posteriormente pela Marmoraria Progresso, de Aldamiro Fazzi e Vicente Franceschin (1918). Já a Marmoraria Paulista foi fundada em 1926 por Renato Bulgarelli (Mântua, 1908- Ribeirão Preto?) e João De Bortoli (São Simão, 1898 - Ribeirão Preto, 1982). Esses proprietários foram aprendizes de Roselli e de Fazzi, e depois resolveram montar seu próprio negócio, que passou por ramificações sucessivas dentro da família De Bortoli, segundo depoimento de Bortoli Filho (1989).

Conforme Warren Dean (1977), era comum o estabelecimento de sociedade entre duas famílias de imigrantes de classe média e com capital restrito. No caso das marmorarias, as sociedades procuravam estabelecer funções específicas entre os sócios: um ficava responsável pelo setor de vendas, e o outro, pelo de produção na oficina. No caso de Roselli e Gelli, o primeiro cuidava das vendas, e o segundo, da oficina, enquanto no empreendimento da família Fazzi, Aldamiro era o responsável pelo setor da criação, tanto em Amparo como em Ribeirão Preto, e Franceschini, pela parte comercial. Era comum, no entanto, uma sociedade desfazer-se em pouco tempo, afinal, o gênio explosivo de muitos artistas artesãos italianos não ajudava na convivência diária de uma firma (BORGES, 2017).

No livro *Il Brasile e gli Italiani*, Rotellini (1906) faz uma relação de marmorarias importadoras de mármore de Carrara para a cidade de São Paulo, produto que chegava pelo porto de Santos (SP). A maioria delas era originária de sociedades anônimas, como a Compagnia Ítalo-Paulista, que, em 1902, era presidida pelo arquiteto Giulio Micheli (RUGGIERO, 2017); a Luciano Figliolia & Co e a Giuseppe Tomagnini, Gratello e Co. Essa última se dizia filial da Casa Italiana D'sportazione, de mármore residencial de Pietrasanta, Itália. Outras foram fundadas segundo o sistema empresarial familiar ou individual, como as de Domenico Larocca, Pietro Larocca, Emilio Peragallo, Michele Tavolaro, Salvador Cantarella e a de Giuseppe Borrelli.

A pesquisadora Halima Alves de Lima Elusta (2008) faz uma análise minuciosa dos monumentos funerários produzidos pela firma de Giuseppe Tomagnini no Cemitério da Saudade, na cidade de Campinas (SP). A pesquisadora afirma que a Marmoraria Vélez, de Patrício Vélez e seu filho Marcellino Vélez, tinha filiais em Campinas e em

São Paulo, com a denominação de P. Vélez & Guerra S. Paulo, conforme consta em algumas inscrições de túmulos no cemitério da primeira cidade. Ao pesquisar o Arquivo Histórico Municipal de Campinas, Elusta (2008) constatou 24 pedidos de autorização para a construção de túmulos no Cemitério da Saudade assinados por Marcellino Vélez no período de 1922 a 1935. Percebe-se, assim, a importância dessa marmoraria para a cidade de Campinas.

Uma grande concorrente da Marmoraria Vélez foi certamente a Grande Marmoraria Internacional, de V. Lazzeri, pois, ainda conforme Elustra (2008), constam no Arquivo Histórico Municipal de Campinas o registro de 38 pedidos autorizados para a construção de túmulos no período de 1924 a 1929. A autora ainda destaca a presença no cemitério de peças da Marmoraria Irmãos Coluccini, fundada na década de 1910 por Alfredo, Giuseppe e Pietro Coluccini. Em 1936, a firma passa a ser denominada Alfredo Coluccini & Cia. Nessa nova fase da marmoraria, o filho de Alfredo, Lélío (Valdicastello, Itália, 1910 - Campinas, 1983), torna-se referência como escultor neoclássico e modernista, realizando obras públicas, nas cidades de São Paulo e Campinas, e esculturas de temáticas cristãs para o Cemitério da Saudade de Campinas (ELUSTRA, 2008). Possivelmente, Lélío tinha como concorrente na região o escultor Fernando Furnaletto (São João da Boa Vista, 1897 - São João da Boa Vista, 1975), que adotou tanto o estilo realista como o “Floreale” italiano, filho do marmorista Antonio Furnaletto, que instalou a Marmoraria Sanjoanense (1896) na cidade de São João da Boa Vista.

A marmoraria João Santini, Corsi & Co. foi constituída mediante sociedade do escultor João Santini com o arquiteto Corsi e o ornamentista Felix La Torre. A sede ficava em Campinas, e uma filial, na cidade de São Simão, bem distante da primeira (CAPRI, 1922). Não existem dados para explicar os motivos dessa expansão comercial, mas pode-se aventar que talvez fosse em razão de alguma relação de parentesco entre sócios e os moradores da referida localidade ou devido aos vários surtos de doenças epidêmicas ocorridos em São Simão, o que provocou muitas mortes na região e a instalação de cemitérios emergenciais.

Pode-se observar no anúncio da Figura 5 a seguir que os dizeres seguem os mesmos propósitos dos que foram analisados anteriormente neste artigo.

A imagem do túmulo que serve como ilustração do anúncio suscita debates sobre a beleza e a representação estética do anjo. Provavelmente, Santini e Corsi tinham

como concorrente comercial as marmorarias de Piro Cima e de Natale Maffei, também instaladas em São Simão.

Os pesquisadores Elio Moroni Filho e Oswaldo M. Truzzi (2004) discorrem sobre o processo de trabalho nas marmorarias da cidade de São Carlos no período de 1890 a 1950, que se desenvolveu também em função da economia cafeeira e da linha férrea da Companhia Paulista. Os autores mencionam que o Cemitério Municipal Nossa Senhora do Carmo foi instalado em 1890 e, no início, recebia artefatos funerários feitos por vários marmoristas instalados em São Paulo, Campinas e Ribeirão Preto. Na pesquisa de campo, eles detectaram no cemitério obras de F. Martinelli & Irmãos (São Paulo), 1890; Fazzi (Amparo), 1893; S. H. Peragallo (Rio Claro), 1903; A. Ventura & Cia (São Paulo), 1919, e M. Tavolaro & Cia Ltda. (São Paulo), 1925.

Moroni Filho e Truzzi (2004) citam também o caso da Marmoraria Carrara, de Luiz Leonardi, marmorista proveniente da Toscana e com firma na cidade de Araras, onde



FIGURA 5- Fac-símile do anúncio das Marmorarias de João Santini, Corsi & Co. Fonte: Capri (1922).

se iniciou no ofício em 1893. A marmoraria possuía filiais nas cidades de Piracicaba e Lençóis Paulista e chegou a construir artefatos funerários no Cemitério de São Carlos, em 1926. Paulo Renato Tot Pinto (2008) realizou um primeiro levantamento das obras de Luiz Leonardi (Quercela, Lucca, Itália, 1879 - Araras, 1956) no Cemitério da Saudade em Piracicaba

(1878) e constatou que ele tinha sociedade com o filho Ovídio e com o seu genro, tendo a firma Luiz Leonardi & Cia perdurado até 1974, nas mãos de seus descendentes.

Mais uma vez fica comprovado, no transcorrer deste texto, o quanto as primeiras marmorarias italianas estabelecidas no estado de São Paulo prestaram serviços a vários locais ao mesmo tempo. Provavelmente a Marmoraria Sancarlense, fundada em 1890 pelos sócios Manoel Sanchez e Secchiari em São Carlos, também compartilhava seu trabalho artístico funerário nos cemitérios da sua região.

Diferentes cidades do estado de São Paulo receberam, portanto, a instalação de marmorarias de cunho familiar, como as que pertenciam aos marmoristas já citados: Irmãos Coluccini e Família Vélez instalaram-se em Campinas, Luiz Leonardi, em Araras, Pira-

cicaba e Lençóis Paulista, e Carlo Barberi, em Ribeirão Preto. Este teve como primeiros aprendizes seus filhos Vladimiro, Múzio, Américo, Ovídio e Urano Barberi, cabendo ao penúltimo acompanhar toda a trajetória da Marmoraria Ítalo-Brazileira (BORGES, 2017). Independentemente de ser de cunho familiar ou não, as marmorarias tiveram de desenvolver, em suas próprias instalações, o ensino informal dos aprendizes que contratavam, para aprimorar seu trabalho artístico e levá-los a concorrer entre si.

Os anúncios não deixam de ser um meio de comunicação de massa necessário na época. Enfim, o motivo preponderante dos anúncios era, sem dúvida, a necessidade de o imigrante italiano ter condições econômicas de sustentar a família com o empreendimento de pequeno porte que instalara. Em atenção a seus clientes, as marmorarias também utilizavam malas diretas para enviar mensagens de pêsames aos familiares do morto por ocasião da missa de sétimo dia, conforme relata Ester Belloni (1987).

Considerações finais

Provavelmente existem muitas marmorarias de origem italiana no estado de São Paulo cujas razões sociais ainda não foram pesquisadas e cujos anúncios também não foram catalogados. Para este artigo, partiu-se de registros dispersos, que contribuiriam para a compreensão de uma parcela minuciosa dessa firma de pouco capital mantida por marmoristas italianos, que, em um primeiro momento, realizaram eles próprios os artefatos funerários em mármore de Carrara e, em um segundo momento, transferiram essa tarefa para seus descendentes e patrícios, que com eles aprenderam o ofício de artesão. As marmorarias ramificaram-se pelo interior do estado de São Paulo no período analisado, ou seja, de 1890 a 1930.

O clima de efervescência econômica fez com que os marmoristas italianos trouxessem para o estado de São Paulo um comércio étnico, que importava o mármore de Carrara e o gosto europeizado, que atendia aos interesses da alta burguesia urbana que se estruturava. “Executaram uma produção artística grupal, dotada eventualmente de criatividade estética” (BORGES, 2017).

Em meados da década de 1920, no entanto, as marmorarias italianas do estado de São Paulo sofreram um movimento de influxo: a burguesia cafeeira restringiu seus

gastos com os monumentos funerários, a importação do mármore de Carrara passou por restrições, e o gosto estético da sociedade se modificou, surgindo a preferência por túmulos mais simples e revestidos com materiais nacionais, como o granito.

Em outros estados brasileiros, a dinâmica das marmorarias ocorreu de modo similar, conforme demonstram os estudos de Harry Rodrigues Bellomo (2000) e de Elaine Maria Tonini Bastianello (2016). Ambos os pesquisadores detectaram a instalação de firmas e ateliers de marmoristas de origem italiana, alemã e espanhola no estado do Rio Grande do Sul. Bastianello analisa também a inclusão de artefatos funerários de marmorarias italianas atuantes nas cidades de Montevideu (Uruguai) e Buenos Aires (Argentina), que concorreram com o mercado mármoreo da cidade de Bagé (RS). Grossi (2005) também discorre sobre a confecção de artefatos funerários, em mármore de Carrara, por imigrantes radicados na capital mineira.

A somatória dessas pesquisas vai demonstrando prosseguimentos comuns a esse tipo de firma, que teve seu período de ascensão com a multiplicação de cemitérios secularizados no país. Todavia, a crise de 1929 causou grandes danos às marmorarias, remetendo-as a uma nova trajetória de trabalho e de propagação de seu negócio. As marmorarias que sobreviveram adaptaram-se às novas exigências do mercado, em um ritmo de produção industrial que atendia, sobretudo, à demanda da construção civil. No entanto, elas continuaram com a mesma denominação – marmoraria –, vinculadas, assim, ao seu primeiro material de uso.

Referências

ALMANACCO *Illustrato della "Tribuna Italiana"*. São Paulo: s. n., 1905.

FERNANDES, Aristides; MIELE, Caetano. *Anuário do Amparo*. Amparo, SP: Editora Casa Pindorama, 1913.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. *A memória retida na pedra: a história de Bagé inscrita nos monumentos funerários (1858- 1950)*. Bagé, RS: Ed. do Autor, 2016.

BELLOMO, Harry R. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry R. (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

BELLONI, Ester. Entrevista concedida a Maria Elizia Borges. Ribeirão Preto, dia 10 de agosto de 1987.

BORGES, Maria Elizia Borges. Arte funerária e il commercio carrarense in Brasile. In: BERRES-

FORD, Sandra (a cura di). *Carrara e il mercato della scultura*. Milano: Federico Motta Editore, 2007.

BORGES, Maria Elizia Borges. *Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto*. 2. ed. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.

DE BORTOLI FILHO, Nelson. Entrevista concedida a Maria Elizia Borges. Ribeirão Preto, dia 20 de janeiro de 1989.

CAPITANINI, Haroldo B. Entrevista concedida a Maria Elizia Borges. Ribeirão Preto, dia 19 de agosto de 1987.

CAPRI, Roberto. *O estado de São Paulo e seus municípios*. São Paulo: Álbum, 1922.

COMERCIAL SA MANAIA. *Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, SP, 1913.

CROSER, Vicente Alberto. Entrevista concedida a Maria Elizia Borges. São Paulo, dia 10 de dezembro de 1987.

DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820- 1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ELUSTRA, Halima Alves de Lima. *Visita ao museu de pedra: arte no Cemitério da Saudade de Campinas - SP (1881- 1950)*. 2008. 166f. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual). Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

FAUSTO, Boris. Expansão do café e política cafeeira. In: PINHEIRO, P. S. et al. *História geral da civilização brasileira - estrutura de poder e economia (1889- 1930)*. Rio de Janeiro: Difusão, 1975, v. 1, t. 3.

GODOY, Jorge Pires de. *Almanach do Amparo*. Campinas, SP: Typ. Mendes & Irmão, 1902.

GROSSI, Sávio. *Arte e ofício da marmoraria nos primórdios de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: IMX, 2005.

MORONI FILHO, Elio; TRUZZI, Oswaldo M. Processo de trabalho em marmorarias. O caso de São Carlos, 1890- 1950. Associação Brasileira de Estudos do Trabalho: *Revista da Abet*, v. IV n. 2, jul. /dez. 2004.

O Correio Amparense. Amparo, 30 jul. 1893.

PINTO, Paulo Renato Tot. *A arte Cemiterial de Luiz Leonardi e da Marmoraria Carrara no Cemitério da Saudade em Piracicaba: levantamento e questões preliminares*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 3., 2008, Goiânia. Anais... Goiânia: FAV/ UFG, 2008 [CD].

ROTELLINI, Vitalino. *Il Brasile e gli Italiani*. Firenze: Bemporad & Filho, 1906.

RUGGIERO, Antonio de. Comerciantes e artesãos toscanos nas ruas de São Paulo (1875- 1914). *Cadernos de História*. Belo Horizonte, v. 18, n. 28, 1º sem., 2017.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: SAMAIN, Etienne. (Org.) *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

Site

artefunerariabrasil.com.br/